

UM RETORNO A JASPERS VIA HABERMAS: DO CLAREAMENTO DA EXISTÊNCIA À TRANSCENDÊNCIA NA ERA PÓS-SECULAR

A RETURN TO JASPERS VIA HABERMAS FROM THE CLARIFICATION OF EXISTENCE TO TRANSCENDENCE IN THE POST-SECULAR ERA

THIAGO LEITE CABRERA

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
thiago_cabrera@puc-rio.br

CARLOS FREDERICO SILVEIRA

Doutor em Filosofia pela Pontifícia Università San Tommaso d'Aquino, Roma; Professor do PPGD da UCP Universidade Católica de Petrópolis, Brasil
carlos.silveira@ucp.br

JOÃO VÍTOR HUGHES DE CARVALHO

Bacharel em Filosofia pela Universidade Católica de Petrópolis, Brasil
joaovitorhughes@gmail.com

Resumo: Conforme a compreensão habermasiana do pós-secular, este artigo propõe-se a mostrar a atualidade da visão metafísica de Jaspers, calcada num pensamento aberto à transcendência e até mesmo ao religioso, mediante remetimento ao pensamento da 'época axial' como fonte de sentido para a existência. Em pleno período do pensamento pós-metafísico, Jaspers desenvolveu uma filosofia que mais se aproxima do que hoje Habermas chama de pós-secular do que da Metafísica clássica. No pensamento de Jaspers, a existência conquista sua mais radical liberdade quando se acerca das cifras da transcendência. Ao coroar o percurso humano em que o reconhecimento da existência é o primeiro passo, esta é a dimensão última da metafísica de Karl Jaspers. Para além do conhecimento objetivo do mundo, a filosofia de Jaspers propõe o clareamento da existência. Nesta dimensão, as situações-limite desvelam o apelo da existência. E é pelas cifras, linguagem própria da transcendência, que se atingem novos sentidos da existência.

Palavras-chave: Tempo axial. Secularismo. Situações-limite. Existência.

Abstract: Following the Habermas' understanding of the post-secular, this article aims to demonstrate the relevance of Jaspers' metaphysical vision, based on a thought open to transcendence and even to religion, by referring to the thought of the 'axial epoch' as a source of meaning for existence. During the period of post-metaphysical thought, Jaspers developed a philosophy that is closer to what Habermas today calls post-secular than to classical metaphysics. In Jaspers' thought, existence achieves its

most radical freedom when it approaches the figures of transcendence. By crowning the human journey in which the recognition of existence is the first step, this is the ultimate dimension of Karl Jaspers' metaphysics. Beyond the objective knowledge of the world, Jaspers' philosophy proposes the clarification of existence. In this dimension, extreme situations reveal the appeal of existence. And it is through figures, the language proper to transcendence, that new meanings of existence are achieved.

Keywords: Axial time. Secularism. Limit situations. Existence.

Received: 12 Aug 2024

Accepted: 06 Nov 2024

Published: 04 Dec 2024

Corresponding author:

thiago_cabrera@puc-rio.br



Introdução

A caracterização que Habermas (1990, p. 14; p. 43) propôs a respeito do pensamento pós-metafísico, há algumas décadas, reúne alguns dos critérios mais comumente aceitos até hoje para o reconhecimento dos autores e obras que se enquadrariam no pensamento contemporâneo, dentre os quais são os principais: a virada linguística, a razão situada, o primado da práxis e a limitação das pretensões da filosofia. Estas características estão ora implícitas, ora explícitas no pensamento de Jaspers, como se poderá ver ao longo deste artigo, que tem como foco central a obra de 1932, *Filosofia*, verossimilmente seu *magnus opus*.

Na primeira parte deste artigo, pretende-se mostrar a conexão do pensamento atual de Habermas com o pensamento de Jaspers. Na segunda e terceira, examina-se como Karl Jaspers articula sua visão da filosofia existencial, a partir das principais teses de *O Clareamento da Existência*, parte de *Filosofia*. A filosofia mostra-se, assim, não como mera disciplina teórica, mas como prática vital que busca esclarecer as questões mais fundamentais da existência humana. Esta perspectiva explica o papel ativo do homem na construção de sua própria realidade, desafiando-o a ir além das certezas e a abraçar a incerteza e a complexidade da vida como parte integrante de sua existência, a qual se abre, finalmente, à transcendência.

Na quarta parte deste artigo, vê-se que o clareamento da existência abre a dimensão daquilo que não se conhece nem se experimenta e, por isso mesmo, exige a abertura para a fé filosófica, a qual porta novos sentidos da existência. Aqui se retoma o argumento pelo reconhecimento da atualidade de Jaspers no contexto da caracterização habermasiana do momento histórico atual como pós-secular.

1. Jaspers e Habermas

Jaspers cunha a expressão ‘era axial’ (*Achsenzeit*, séc. IX-III a.C.) da humanidade para retratar o que concebia como fonte inesgotável de conhecimento na Antiguidade: “os acontecimentos mais extraordinários concentram-se neste período. Confúcio e Lao-Tsé viveram na China; os *Upanishades* e Buda surgiram na Índia; no Irã, Zaratustra propagou sua visão do mundo como luta entre o bem e o mal; surgiram profetas na Palestina; a Grécia viu Homero, Parmênides, Heráclito e Platão, assim como os poetas trágicos” (Jaspers, 2017, p. 17-18, tradução dos autores). Esta simultaneidade de sabedoria indicava o surgimento de uma nova forma de consciência do ser humano a respeito de sua existência.

Habermas assume o fato e a importância da era axial a que se refere Jaspers a ponto de reconhecer que ela é a principal fonte a explicar nossas sociedades contemporâneas pós-seculares. É justamente na obra *Uma Outra História da Filosofia*, 2019, título da tradução portuguesa para *Auch eine Geschichte der Philosophie*, que Habermas visa à genealogia de nossa época, caracterizada por ele de pós-secular. Ao reconhecer, com Jaspers, a era axial, Habermas vê nela a fonte da resiliência das religiões em nossas sociedades contemporâneas e, por isso, percorre toda história do pensamento filosófico para redescobrir sua influência até chegar ao tempo atual. A perspectiva que assumimos neste artigo é a de que a retomada da tese de Jaspers sobre a era axial permite a Habermas conciliar o aparente paradoxo de nos encontrarmos numa era caracterizada ao mesmo tempo como pós-metafísica e pós-secular.

Neste sentido, Jaspers ganha um espaço privilegiado na reflexão filosófica contemporânea, não somente em relação à tese da era axial, mas igualmente por sua concepção de Metafísica, desenvolvida já na vigência da era pós-metafísica. Como isso se dá, é o que se pretende expor neste artigo pelo percurso das teses centrais do pensamento de Jaspers que o conduzem à sua concepção de Metafísica.

É preciso ter em conta inicialmente as quatro características centrais do pensamento pós-metafísico, elencadas por Habermas (1990, p. 14), características que representam uma ruptura com uma tradição mais que bimilenar: 1) a radicalização da corrente linguística; 2) a razão situada; 3) o abandono do logocentrismo em favor da práxis; às quais se acrescenta esta: 4) fim da visão totalizante da filosofia da reflexão, incluindo-se ela mesma no mundo (Habermas, 1990, p. 14 e p. 43). Ao final desta mesma obra, Habermas reconhece elementos pós-metafísicos em Jaspers: “É verdade que este último [Jaspers] tinha interpretado o deciframento daquilo que ‘tudo envolve’ como um negócio pós-metafísico. Ele também tinha desacoplado o autoentendimento filosófico da pesquisa da ciência objetivadora...” (Habermas, 1990, p. 266).

A premissa de que a ciência e o conhecimento objetivo, embora essenciais para a compreensão do mundo, são insuficientes para dar sentido à complexidade das experiências humanas foi explicitada por Jaspers de forma particularmente clara no segundo tomo da obra *Filosofia*, de 1932, *O Clareamento da existência (Existenzjehellung)*. Efetivamente, a existência não pode ser reduzida a um conjunto de dados ou conceitos objetivos como ocorre no conhecimento das ciências. O ser humano, como sujeito, confronta-se com uma realidade que não pode ser totalmente objetivada ou racionalizada, exigindo da Filosofia um tipo de reflexão que dê sentido à existência em seus aspectos mais fundamentais.

Assim se, no primeiro tomo de *Filosofia*, intitulado *Orientação no Mundo* (*Weltorientierung*), Jaspers desenvolveu conceitos-chave que explicam o lugar do cosmos e seu conhecimento intelectual para o ser humano, no segundo tomo, *Clareamento da Existência*, Jaspers procura apresentar os elementos que podem oferecer sentido à existência humana, clareando seu percurso. Entre eles, destaca-se o conceito de “situações-limite”, que se refere às experiências inevitáveis e intransponíveis da vida humana, como o sofrimento, a luta, a culpa e a morte. Estas propriedades da existência situam o indivíduo dentro de seus próprios limites, de modo a lhe proporcionar uma reflexão sobre o sentido de sua existência. É justamente a partir dessas experiências marcadas pelo limite que se pode descobrir uma nova dimensão de abertura na existência, desenvolvida no terceiro tomo de *Filosofia*, ao qual Jaspers justamente intitulou de *Metafísica* (*Metaphysik*). Esta abertura à transcendência também se dá pela experiência religiosa, mas esta é apenas uma das experiências possíveis da transcendência e é válida na medida em que oferece sentido à existência.

A filosofia de Jaspers propõe, pois, um percurso em direção ao clareamento da existência, um processo que envolve o confronto com essas situações-limite e a superação das respostas superficiais ou mecanicistas, ao mesmo tempo que, a partir daí, a existência se abre à transcendência. Ele defende que, ao enfrentar essas situações, o ser humano tem a oportunidade de alcançar uma forma de existência mais autêntica e plena, na qual a liberdade e a responsabilidade individual desempenham um papel central.

2. A situação-limite como itinerário para a existência

2.1 A filosofia existencial de Jaspers

No primeiro tomo de *Filosofia*, *Orientação no Mundo*, Jaspers argumenta que o ser humano é um “ser no mundo”, e, por isso, orienta-se no mundo por meio do conhecimento objetivo, sobretudo científico, que é o conhecimento dos objetos presentes. Contudo, ainda que tente compreender e objetificar esse mundo por meio da ciência, o homem acaba por descobrir que tais explicações são insuficientes para abarcar sua situação pessoal. Dessa consciência, nasce a compreensão de que o ser humano não é apenas um objeto, mas um “existente”. Assim, diante de um mundo objetificado, surge o reconhecimento do “não-objetivável”, ou seja, da própria existência. Jaspers explora essa dinâmica, afirmando que o conhecimento do mundo não dá a conhecer as possibilidades da existência, mas, ao contrário, revela a diferença entre o ser no mundo e a existência.

Aqui convém esclarecer alguns conceitos fundamentais sujeitos a disputa: ser-aí (*Dasein*), existência (*Existenz*) e transcendência (*Transzendenz*), especialmente porque assumem sentidos distintos do uso heideggeriano. No vocabulário de Jaspers, ser-aí refere-se ao mundo no qual o homem também se encontra como existência empírica e que pode ser conhecido pelo intelecto (entendimento, *Verstand*) no processo de objetivação, próprio do conhecimento científico. Já a existência é algo não objetivo, porém que se experimenta e se clareia pela razão (*Vernunft*). A transcendência é o absoluto que, não sendo igualmente objetivável e nem experimentável, só pode ser alcançado pela fé filosóficaⁱ.

Nesse contexto, Jacques Colette (2011) afirma que “a orientação no mundo não pode oferecer nenhuma orientação unívoca, cientificamente determinável, à existência”, na medida em que “o existir não é um objeto, mas aquilo de que não cessamos de partir para pensar o possível”. Isso ressalta a natureza enigmática da existência, que, em vez de ser plenamente capturada e determinada por conceitos científicos, requer um esclarecimento permanente.

Clarear a existência, portanto, torna-se a tarefa primordial do ser humano enquanto “ser não-objetivável”. Esse processo de clareamento leva ao aumento das possibilidades de ação e à realização autêntica da liberdade.

A Existência só se pode esclarecer. A realidade deixa de ser o mundo para ser a própria realidade do existir ou o próprio existir enquanto tal, uma vez que do ponto de vista formal, como adverte Jean Wahl (1962), a Existência equivale ao ser-sujeito, ou seja, ao homem na sua vida pessoal e autêntica (Perdigão, 2001, p. 543).

A dificuldade inerente ao pensamento existencialista de Jaspers está em lidar com a subjetividade e a experiência direta do ser em vez de meramente objetivar a realidade. Nesse contexto, o pensamento existencial, segundo Jeanne Hersch (1982, p. 19), “não dispõe de evidências racionais. O que ele afirma não é impessoalmente evidente, por uma razão bem simples: fala daquilo que não é objeto”. Assim, o “analisar” das coisas adquire uma nova complexidade, pois deixa de ser uma simples operação sobre objetos manifestos e torna-se uma experiência de autocompreensão do próprio ser.

O conceito de “modos do englobante” (*Umgreifende*), introduzido por Jaspers, designa as diferentes formas pelas quais o ser humano se relaciona e compreende o mundo e a si mesmo. Segundo ele, esses modos são: ser-aí, consciência em geral, espírito e existência.

ⁱ Por fé filosófica, Jaspers entende um aspecto fundamental da existência humana, fé desprovida de toda revelação, embora reconheça o valor da religião na vida humana. A fé filosófica é a certeza individual na racionalidade, pela qual se pode chegar ao transcendente.

Esses modos não operam de forma isolada, mas são interdependentes e responsáveis por diferentes dimensões da experiência humana, desde a sobrevivência até a transcendência.

O primeiro modo, o ser-aí, se refere à vida concreta e física do indivíduo no mundo. O segundo, a consciência em geral, envolve a capacidade de compreensão e conexão de ideias abstratas. O terceiro, o espírito, reflete o desejo de integração e unidade das várias facetas do ser.

Sem esgotar a totalidade do ser, que permanece, em última instância, inacessível, os modos do englobante não esvaziam a existência, pois não reduzem o ser humano a categorias isoladas ou limitadas, mas, ao contrário, apontam a profundidade e a complexidade do ser em sua totalidade, sem esgotá-las em nenhuma de suas dimensões.

2.2. As situações-limite

Antes de abordar o conceito de “situação-limite” (*Grenzsituation*), é fundamental compreender o que Jaspers entende por “situação”. Ele descreve a situação como a disposição das coisas em relação umas às outras, uma ordem que possui tanto uma dimensão espacial quanto um sentido concreto para o existente. Não é apenas uma realidade natural, mas uma realidade referida a um significado que transcende o físico e o psíquico, sendo ao mesmo tempo concreta, pois influencia diretamente o ser-aí do indivíduo (Jaspers, 1948, p. 468).

Portanto, uma situação é uma realidade que explica a ausência de padrões simétricos ou previsíveis nas ações humanas, já que o ser humano está sempre inserido em uma situação. Diferentemente de fenômenos naturais ou matemáticos, em que a simetria muitas vezes implica regularidade ou repetição, as ações humanas são influenciadas por uma série de fatores variáveis e imprevisíveis. Essas situações podem ser abordadas por diferentes disciplinas científicas, incluindo as ciências biológicas, que estudam as formas e adaptações dos seres vivos. Nas ciências humanas, as situações podem ser entendidas tanto como eventos gerais e típicos do cotidiano quanto como eventos únicos e historicamente determinados.

O ser-aí do ser humano, visto como existência, está intrinsecamente ligado à ideia de que o ser se encontra continuamente em situações, movendo-se de uma para outra, consciente ou inconscientemente. Jaspers (1948, p. 468) afirma que o ser humano, embora crie oportunidades de mudança, não pode evitar estar sempre em alguma situação, refletindo a natureza limitada e condicionada da existência.

Partindo do axioma de que o ser humano é um “ser em situação”, Jaspers identifica certas situações como “limites”. Estas se manifestam de forma definitiva, ou seja, de maneira irreversível e permanente, na vida de cada indivíduo, sendo associadas a experiências universais como a luta, o sofrimento e a morte. As situações-limite não se reduzem a obstáculos externos e objetivos do mundo, mas envolvem também uma dimensão interna, que diz respeito à maneira como o indivíduo vivencia e reflete sobre essas circunstâncias. Elas expõem os limites do ser-aí e demandam uma resposta mais profunda, existencial, em que o indivíduo confronta o sentido da própria existência.

As situações-limite, de acordo com Jaspers, são caracterizadas por sua opacidade; elas representam barreiras que o ser-aí não pode transpor. Por serem inevitáveis, essas situações não podem ser superadas, apenas esclarecidas e enfrentadas como parte essencial da condição humana (Jaspers, 1948, p. 469).

Todos os modos do englobante são afetados pelas situações-limite. Para a consciência em geral, elas expõem os limites da razão e da cognição abstrata, que se mostra incapaz de abarcar completamente a profundidade do sofrimento, da luta ou morte. O espírito, por sua vez, confronta o desafio de integrar essas situações-limite na busca de sentido e unidade, enquanto a existência é diretamente chamada a responder a essas situações com autenticidade, transcendendo o mero ser-aí e enfrentando a finitude e a transcendência inerente à condição humana.

Ao enfrentar situações extremas, o ser humano nem sempre age de forma racional ou premeditada, mas tende a fazer o que é necessário para sua sobrevivência. Para Jaspers, vivenciar essas situações é existir (1948, p. 469). Essa confrontação com limites não apenas revela a finitude do ser, mas também abre a possibilidade de transcender o que é conhecido e acessível, apontando para uma dimensão além do imediato, o “absoluto”, que se configura como um horizonte de sentido fora da compreensão ordinária. Assim, as situações-limite sinalizam a transcendência ao forçar o ser a reconhecer sua própria limitação e, conseqüentemente, a buscar um sentido que ultrapassa o ser-aí.

Jaspers divide o trajeto do ser-aí para a existência real em três “saltos”: a contemplação, o filosofar sobre as situações-limite e a passagem da existência possível para a existência real. Esses saltos representam a transição da cognição intelectual para a consciência subjetiva, onde o ser humano, ao enfrentar o fracasso (*Scheitern*) do ser-aí, atinge uma nova compreensão da sua existência (Jaspers, 2011, p. 35).

O primeiro salto é a contemplação, onde o ser humano, após reconhecer o fracasso diante das situações extremas, se refugia em uma introspecção profunda. O fracasso aqui não significa uma derrota no sentido comum, mas a constatação de que certos limites, como a morte ou o sofrimento, são intransponíveis e impossíveis de controlar completamente. Esse fracasso, longe de ser puramente negativo, é o ponto de partida para o despertar da existência. O segundo salto envolve o filosofar sobre essas situações-limite, tornando-as compreensíveis no sentido de reconhecer que esses limites são inerentes à condição humana. Embora sejam opacas e impossíveis de compreender plenamente, o ato de refletir sobre elas permite ao ser humano aceitar que não pode superá-las, mas pode integrá-las como parte essencial de sua própria existência. O terceiro salto é a passagem do ser-aí para a existência real (*wirkliche Existenz*), onde o ser humano supera a mera existência no mundo e atinge uma forma de ser mais autêntica.

Ao final desse processo, o ser humano depara com uma duplicidade irreduzível: não mais estar meramente no mundo, mas também não existir de forma independente dele (Jaspers, 1948, p. 473). Essa dualidade, se não for equilibrada, pode levar ao misticismo ou ao positivismo, mas, segundo Jaspers, a verdadeira existência real surge justamente da tensão entre as duas.

Se retomarmos a quadrúplice caracterização por Habermas do que é pós-metafísico, podemos reconhecer, com o próprio Habermas, que o pensamento de Jaspers merece este selo do pensamento contemporâneo. As situações-limite, justamente porque não são objetiváveis como ocorre no conhecimento científico, permitem a abertura da existência para a transcendência. É o que se pode constatar ao considerarmos particularmente as principais situações-limite, que são a morte, o sofrimento, a luta e a culpa. Tomemos a morte como ilustração dessas situações-limite principais.

Enquanto muitos problemas humanos possuem soluções temporárias, a morte se destaca como realidade inevitável e uma das situações-limite mais importantes. A morte é tratada no cotidiano muitas vezes como um simples evento que ocorrerá em algum momento remoto e como um tema que deve ser evitado. Poucos refletem sobre suas implicações para a condição existencial humana.

Jaspers argumenta que, para que a morte seja uma situação-limite, é necessário compreendê-la de maneira subjetiva. Quando a morte é vista apenas como um fato objetivo da existência, ela perde seu papel de situação-limite, já que retorna ao conceito de mundo

objetivado. A morte se torna uma experiência verdadeiramente existencial quando o homem deixa de vê-la como evitável e passa a enxergá-la como parte intrínseca do seu ser.

O filósofo alemão sugere que, sem a morte, o reconhecimento da própria existência enquanto ser consciente não seria possível. A morte não deve ser aceita passivamente ou provocada de maneira deliberada, mas internalizada por uma apropriação íntima. Nesse sentido, a morte adquire uma dimensão histórica, tornando-se um marco na consciência existencial do homem, que só se torna consciente de si ao confrontá-la:

Ao contrário, *existindo* na consciência histórica, estou certo do meu ser-aí como fenômeno no tempo: que ele é um fenômeno, mas fenômeno no qual a existência possível se pode manifestar, então a experiência do fim de todas as coisas visa a este lado fenomênico da existência. O sofrimento no final torna-se garantia da existência (Jaspers, 1948, p. 483, tradução dos autores).

A morte é uma experiência que escapa ao controle humano. Não é possível vivenciá-la diretamente; o que se experimenta é o sofrimento associado à sua aproximação. Esse sofrimento é algo que atinge o homem vivo, enquanto a morte em si permanece além da experiência. Como exemplificado em *A Morte de Ivan Ilitch* de Tolstói, a iminência da morte provoca questionamentos profundos e angustiantes sobre a existência e o não-ser.

A dualidade do ser-aí se intensifica na presença da morte. Jaspers afirma que, diante da morte, a verdadeira essência do ser se manifesta existencialmente, enquanto o mero ser-aí se revela obsoleto. A morte, portanto, deixa de ser uma situação-limite quando é vista apenas como um infortúnio objetivo, visão que faz com que a existência “adormeça” diante da aniquilação.

3. Das situações-limite à transcendência: a atualidade pós-secular de Jaspers

As situações-limite expõem os limites da existência humana, arrancando a segurança que o homem outrora possuía. Qualquer tentativa de representar a realidade empírica como um ser autêntico se dissolve nesse contexto. Karl Jaspers destaca que “a problemática de todo ser-aí significa a impossibilidade de encontrar nela [existência] a paz como tal” (1948, p. 508, tradução dos autores). Isso revela a natureza antinômica da realidade empírica, especialmente em momentos extremos.

Não é possível adquirir um conhecimento objetivo da experiência que envolve a existência. Por isso, como assinala Gabardo (2012, p. 25), embora a existência emerja como uma resposta às situações-limite, essa resposta é indefinível em termos objetivos. O saber

sobre a existência, segundo Jaspers, só pode se desenvolver por meio de diferenciações, resultando em compreensão ou síntese. O que é conhecido por meio dessa síntese é visto como uma conexão livre de contradições. Passa-se a querer o que está determinado, excluindo tudo o que não mais importa (Jaspers, 1948, p. 509). Nesse processo, diversas possibilidades de ação se apresentam, enquanto outras são descartadas, causando perdas.

A antinomia, conforme Jaspers, representa incompatibilidades que não podem ser superadas e, que, quando meditadas com clareza, tornam-se ainda mais evidentes. Benetti (2011, p. 12) define essa antinomia como “a luta entre dissolução e firmeza, a qual não chega a encontrar uma solução, e diante da qual vivemos em processo de destruição e criação do mundo”. Ao explorar as situações extremas, como a morte, o sofrimento, a luta e a culpa, Jaspers revela que estas situações evidenciam antinomias que expõem a miséria sem esperança no mundo, assim como a ausência de um fundamento definitivo de justiça. Karl Jaspers (1948, p. 509, tradução dos autores) observa que

no conhecimento implacável do particular, esse aspecto do ser-aí se esclarece em cada caso como a situação-limite em que todo ser considerado como consistência se dissolve na realidade temporal e a verdade da totalidade como verdade objetiva válida.

Este aspecto da dissolução da consistência e da objetividade funda-se na historicidade pela qual o englobante é vivido na existência. O englobante só pode ser vivido no aqui e agora da existência. Isso pode ser mais bem elaborado justamente pela concepção das situações-limite como antinomias da vida humana.

3.1. Comportamento em relação à estrutura antinômica

Em sua obra *Psychologie der Weltanschauungen*, Jaspers explora as características das situações-limite como antinomias na vida humana. Ele sugere que “o homem pode ser quebrado por elas, mas pode também possuir força vital e firmeza. A dissolução e a firmeza estão em luta entre si, nem sempre como contraposição consciente, mas de fato na vida” (Jaspers, 1967, p. 368, tradução dos autores).

Dessa forma, o homem pode escolher observar as situações-limite como mero espectador, aceitando-as objetivamente. Isso, no entanto, impede o ser humano de compreender a totalidade de sua existência real, pois sua visão permanece restrita ao ser-aí. Se ele se recusa a enfrentar essas barreiras, perde a resistência necessária para se afirmar como um ser autêntico. Como resultado, sua vida flui sem substância própria, carecendo de uma determinação histórica exclusiva (Jaspers, 1948, p. 510).

Esse distanciamento do homem em relação às situações-limite o leva a objetivar o mundo, afastando-se de sua origem real. Ele passa a existir na multiplicidade das experiências, em vez de manter uma relação existencial com sua transcendência. Como espectador, o homem deixa de existir no mundo de forma plena e se contenta com uma visão contemplativa, que o descompromete com a realidade.

Outra forma de fuga, segundo Jaspers, é a cegueira para as oposições relacionadas. Ele afirma que “pensam-se alternativas racionais e se escolhe validamente um lado” (Jaspers, 1948, p. 510, tradução dos autores). Esse processo facilita a adesão a uma clareza racional que evita o aprofundamento histórico, resultando em uma dúvida sombria dirigida à realidade. A escolha empírica oferece uma segurança ilusória, que, em última instância, revela-se destrutiva em suas consequências.

Em ambos os casos, a situação-limite se perde, pois o foco exclusivo na vida objetiva exclui o essencial: o clareamento da existência. O homem se contenta com soluções superficiais e perde a transcendência. No entanto, a verdadeira essência do ser só se manifesta nas situações-limite das antinomias, como explica Jaspers: “Se pretendo conhecer, em vez das coisas do mundo, um ser em si como um ser absoluto, então me encontro enredado em antinomias, que fazem todo o meu suposto saber encalhar em contradições” (1948, p. 510, tradução dos autores). Por isso, um novo passo pode ser dado. Trata-se da leitura das cifras da transcendência.

3.2. Transcendência na história: as cifras

Para Habermas, Jaspers entende a modernidade e o pensamento pós-metafísico como um processo ambivalente, porque se “o Iluminismo nos liberta do dogmatismo de uma fé baseada na autoridade herdada. Tal fé vincula a compreensão do crente sobre si mesmo e sobre o mundo à interpretação literal de um conteúdo de verdade que só pode ser comunicado em cifras” (Habermas, 2001, p. 36). As cifras, como expressões fundamentais da transcendência têm o valor de permitir uma interpretação sempre aberta de seus significados, enquanto a filosofia moderna e o pensamento pós-metafísico sacrificariam essa abertura à clareza dos conceitos:

Essa tradução filosófica de significados simbólicos traz o perigo de que os conteúdos de verdade cifrados das grandes tradições sejam totalmente perdidos, enquanto as ciências modernas reduzem o mundo da vida ao domínio do objetivamente cognoscível e tecnicamente controlável: a renúncia à personificação viva da transcendência pode fazer com que as cifras não sejam mais levadas a sério e entendidas como a linguagem da transcendência, de modo que elas não iluminem mais o espaço da existência (Habermas, 2001, p. 37).

Estas dimensões religiosas que convivem com o pensamento pós-metafísico são reconhecidamente tematizadas por Jaspers, segundo Habermas. Enquanto a existência possível supera a objetividade do ser-aí do mundo e clareia seu modo de ser nas situações-limite, essa mesma existência se mostra igualmente insuficiente ou inconclusa, possibilitando o salto metafísico para a transcendência:

É possível afirmar que a especificidade do pensamento jasperiano, que o diferencia dos outros pensadores da existência encontra-se, sobretudo, na convicção de que a existência humana apresenta um caráter inconcluso e indeterminado, mas busca um complemento, uma significação para além da orientação no mundo. Segundo ele, a existência não se apresenta fechada em si mesma, mas antes, é um projetar-se no sentido de impulsionar-se para algo ou para além de si mesmo. É, pois, nesse sentido que a transcendência se estabelece na vida do existente, como um ato de escolha, de convicção própria, que se efetiva na medida em que o existente se apercebe da possibilidade de superar a si mesmo (Melo, 2012, p. 56).

Esta atualização da possibilidade superação de si, o que poderíamos chamar de autotranscendência, exige que tratemos, ainda que brevemente, de um elemento importante do pensamento de Jaspers, que completa o que foi dito até aqui: a historicidade. Para Jaspers, a historicidade transcende o conceito convencionalmente associado às ciências históricas. Mais do que registrar o passado, a historicidade, para ele, é uma característica intrínseca de cada ser humano, que está inserido em um contexto específico e confere sentido existencial à sua história pessoal. Antónia Perdigão (2001, p. 551) observa que “a consciência que o ser-no-mundo tem da sua realidade existencial, nas suas diversas manifestações, flui através da sua historicidade”.

O ser humano é, por natureza, um ser no mundo e uma existência possível, portanto, possui uma história particular. Ao contrário do mundo científico, onde as liberdades são excluídas, o homem não pode ser compreendido apenas por meio de ideias empíricas; sua existência transcende essas categorias. A existência não é um mero dado de fato, mas reveste-se de uma dimensão pessoal. A escolha do homem reside na aceitação da situação em que se encontra, uma vez que a liberdade não é apenas um instrumento de alternativas, mas está intrinsecamente ligada à sua realidade histórica.

É crucial reconhecer que o ser humano está situado em um período histórico específico, e essa condição define suas particularidades. Nesse sentido, “não conhecemos o englobante como tal, mas apenas enquanto o aqui e o agora em sua profundidade mais radical” (Marietti, 2002, p. 97).

Ao abordar a historicidade do ser-aí, Jaspers afirma que ela é essencial ao homem, mas não suficiente por si só. O ser-aí não pode ser concebido isoladamente, como se fosse

o ser em sua totalidade; e a existência humana só é possível dentro da realidade empírica (Jaspers, 1948, p. 511). O ser empírico é histórico, finito e consciente de sua incompletude.

Jeanne Hersch (1982, p. 54) destaca que “é na história e em nenhum outro lugar, que os homens encontram os riscos que imprimem um cunho de absoluto nas suas decisões existenciais”. À medida que o ser-aí se torna claro, sua historicidade se estende à totalidade da existência, mas de forma indeterminada (Jaspers, 1948, p. 511-512).

A historicidade põe o homem em contato com as situações-limite, levando-o a confrontar sua existência real. Como observa Antônia Perdigão, “isto significa não só a possibilidade de se transcender enquanto *Dasein*, mas também a possibilidade de superar o processo infinito da orientação do mundo: a superação que abre caminho ao esclarecimento da existência” (2001, p. 542).

Entendendo esse conceito, fica clara a importância do ser-aí para o esclarecimento da existência. Pensar num ser sem ser-aí é pensar em algo semelhante a uma divindade. Jaspers conclui que “a última situação-limite incompreensível que comporta em si todas as outras é o que o ser só é, se o ser-aí é, mas o ser-aí enquanto tal não é ser” (1948, p. 511, tradução dos autores).

Se a “existência” realiza sua “historicidade” na totalidade da realidade empírica, então o movimento do ser-aí não dá descanso. Ela é a manifestação do ser que se oculta, mas se torna evidente onde a consistência se dissolve na historicidade ilimitada (Jaspers, 1948, p. 512).

Jaspers argumenta que essa concepção da historicidade transforma tudo em liberdade, ligada à consciência “histórica”. A liberdade, no entanto, está excluída da realidade empírica que o homem estuda cientificamente e objetivamente. Portanto, essa concepção que manifesta o fim do ser e a historicidade ilimitada, questiona a clareza objetiva dos entes mundanos e de todos os seres. Assim, é possível distinguir o ser-aí dos fenômenos que, de maneira objetiva, abrem caminho ao clareamento da existência.

Em síntese, a historicidade revela a consciência da liberdade na totalidade da realidade empírica, manifestando uma forma de ser diferente do clareamento da existência.

Conclusão

O conceito de pós-secular de Habermas renovou-se recentemente com a publicação de sua história da filosofia (*Auch eine Geschichte der Philosophie*). Nesta obra, Habermas recorre

a Jaspers para realizar sua genealogia do pós-secular, e volta-se especialmente para o conceito de ‘era axial’ deste filósofo.

Este artigo pretendeu mostrar que o retorno a Jaspers pelo conceito de era axial pode ser ampliado ao se retomar elementos fundamentais de sua filosofia, como as situações-limite, o englobante, a historicidade do existente e as cifras da transcendência. Estes elementos da filosofia de Jaspers conectam-se igualmente com a concepção habermasiana de pensamento pós-metafísico, pois são elementos que se desenrolam dentro deste contexto e das exigências habermasianas que caracterizam o pensamento contemporâneo.

Demonstrou-se aqui que as situações-limite descritas por Jaspers pertencem ao âmago do processo de clareamento da existência. São situações que representam momentos de ruptura nas ações humanas, uma vez que o ser humano, historicamente situado, encontra-se constantemente confrontado por estados que limitam sua permanência e estabilidade. Essas limitações, contudo, não devem ser vistas como impedimentos à liberdade individual, mas como evidências dos limites do ser-aí, os quais são inevitáveis e intransponíveis.

A conexão entre situações-limite e a existência reside na capacidade dessas situações de impulsionar o ser a “saltos existenciais”, promovendo a transcendência por meio do confronto com suas próprias limitações. Esses saltos envolvem a contemplação, o filosofar diante da situação-limite, e a transição da existência possível para a existência real. Estes saltos permitem ainda que a existência encontre o lugar de sua liberdade e de sua transcendência: o existente encontra nas cifras a abertura à interpretação e à descoberta de sentido.

A importância e a necessidade das situações-limite para o clareamento da existência humana estão amplamente fundamentadas na obra *Filosofia* de Jaspers. Em complementaridade a esse aspecto existencial, as cifras, assim como outros conceitos fundamentais de Jaspers, sobretudo o de modos englobantes, permitem a compreensão da noção do pensamento pós-secular concebida por Habermas.

REFERÊNCIAS

- BENETTI, L. Agir diante do fracasso: uma ética perante as situações-limite de Karl Jaspers. **Revista Filosofia Capital**, Brasília, v. 7, n. 14, p. 03-10, jan. 2012. Disponível em: <http://www.filosofiacapital.org/ojs-2.1.1/index.php/filosofiacapital/article/view/234>
- COLETTE, J. **Existencialismo**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.
- GABARDO, C. E. C. **As situações-limite na filosofia de Karl Jaspers**. 2012. 32 f. Monografia (Filosofia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2012.
- HERSCH, J. **Karl Jaspers**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.
- HABERMAS, Jürgen. **Pensamento pós-metafísico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.
- HABERMAS, J. **The Liberating Power of Symbols: Philosophical Essays**. Translated by Peter Dews. Cambridge, Massachusetts; MIT Press, 2001.
- HABERMAS, J. **Auch eine Geschichte der Philosophie**. Band 1: Die okzidentale Konstellation von Glauben und Wissen; Band 2: Vernünftige Freiheit. Spuren des Diskurses über Glauben und Wissen. Berlin: Suhrkamp, 2022.
- JASPERS, K. **Introdução ao pensamento filosófico**. São Paulo: Editora Cultrix, 2011.
- JASPERS, K. **Philosophie**. 2a ed. Berlin: Springer Verlag, 1948.
- JASPERS, K. **Psicología de las concepciones del mundo**. Madrid: Gredos, S.A., 1967.
- JASPERS, K. **Vom Ursprung und Ziel der Geschichte**. Gesamtausgabe, Band 1/10. Muttentz/Basel: Schwabe Verlag, 2017.
- MARIETTI, A. K. **Karl Jaspers**. Paris: L'Harmattan, 2002.
- MELO, F. de A. “Para uma filosofia da transcendência em Karl Jaspers”. **Revista Estudos Filosóficos** n° 8, 2012, p. 51-60.
- PERDIGÃO, A. C. A filosofia existencial de Karl Jaspers. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 19, n. 4, p. 539-557, 2001. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/386>